

## **BATALHA DA ALFÂNDEGA: EXISTÊNCIA, OCUPAÇÃO E RESISTÊNCIA NEGRA EM FLORIANÓPOLIS<sup>1</sup>**

Moacyr Gomes Junior<sup>2</sup>, Isaías da Costa<sup>3</sup>, Alessandro de Moraes Florêncio<sup>4</sup>. Maria Helena Tomaz<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao Programa de Extensão Memorial Antonieta de Barros - Edital Programa de apoio à Extensão Universitária e Programa de Incentivo à Creditação da Extensão Universitária – PAEX-PROCEU/UDESC Nº 01/2019

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado em Administração Pública ESAG, discente voluntário de extensão

<sup>3</sup> Acadêmico do Curso de Graduação Licenciatura em Educação Física CEFID, bolsista de apoio discente

<sup>4</sup> Acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado em Moda CEART, bolsista de apoio discente

<sup>5</sup> Orientadora, Coordenadora do Programa e Coordenadora NEAB/Reitoria – maria.tomaz@udesc.br

O Programa de Extensão Memorial Antonieta de Barros – Edição 2020-2021 articulado com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros/NEAB da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, com abordagem interdisciplinar nos cursos de graduação e pós-graduação objetiva desenvolver atividades direcionadas para o combate ao racismo e ao preconceito, a promoção da igualdade e da diversidade como elemento fundante da constituição dos seres humanos e o fortalecimento de identidades que auxiliem coletivizar conhecimentos e experiências voltadas às temáticas referentes a relações étnico-raciais, políticas de ações afirmativas, cultura afro-brasileira, afro-catarinense, quilombola e indígena, gênero, sexualidade e classe a partir de uma abordagem interseccional. A partir das vivências e identidades coletivas dos discentes que integram o NEAB, o referido programa estende suas ações extensionistas articuladas com a pesquisa, o ensino e a gestão, para promover a visibilidade de conhecimentos e saberes produzidos nas comunidades periféricas a partir de uma abordagem decolonial. Para tanto, aponta possibilidades de fortalecer o currículo acadêmico como território-fronteira de trabalho com as Leis Federais Nº 10.639 de 2003 e Nº 11.645 de 2008, com a Educação das Relações Étnico-Raciais/ERER e de avanços na formação de autonomias de produção, culturas, histórico patrimoniais e de identidades profissionais e pessoais.

Inserido nesse processo, este trabalho que está sendo desenvolvido a partir das ações extensionistas e (escre)vivências dos seus autores, refere-se à investigação inicial sobre os movimentos sociais urbanos, suas influências no cenário cultural e a resistência da cultura hip hop a partir do movimento Batalha da Alfândega em Florianópolis. A partir da primeira grande depressão os movimentos de rua se tornaram cada vez mais comuns no mundo. Sendo, porém, resultado da pobreza e da criminalidade, tais movimentos tiveram como membros povos marginalizados e dentre estes povos estava inserida a população negra. A evolução dos discursos trouxe a rima em seus textos. A partir do discurso rimado o caminho estava trilhado para que tivesse início aquele que seria o movimento intitulado RAP (Rhythm and Poetry). Ao longo dos anos muitos artistas do movimento, em sua maioria negros, entraram em processo de ascensão cantando letras que abordavam a realidade de suas vidas, que envolviam conflitos consigo e com a sociedade.

Após mais de cinquenta anos da existência do hip hop a cultura vem se modificando, incorporando novas temáticas e novos espaços. Sendo o espaço urbano seu espaço de origem, é necessário trazer visibilizar a discussão sobre a importância da preservação destes espaços. Com mais de uma década de existência, a Batalha da Alfândega é exemplo de movimento de resistência da cultura hip hop e, ao mesmo tempo, um movimento capaz de causar mudanças sociais. Muitos artistas famosos já visitaram a Alfândega, porém o que mais se destacou foi Afrika Bambaataa, membro do lendário grupo Zulu Nation conhecido como criador ou padrinho do Hip-Hop que visitou a Batalha da Alfândega em duas oportunidades. Destacamos que a partir dessa fortificação originou-se a “Batalha das Minas”, onde mulheres de todos os gêneros disputam as chamadas “batalha de conhecimento”.

Nesse estudo inicial, dialogamos com os artigos “Entre percursos e discursos identitários: etnicidade, classe e gênero na cultura Hip-Hop” (SIMÕES,2013), “Hip-Hop em Angola: O rap de intervenção social (LÁZARO E OSVALDO, 2016)”, “A contribuição do movimento hip-hop no processo de valorização da cultura produzida na periferia” (COSTA E FRANCISCHETTO, 2019) e “Rinha de MC'S e as batalha de MC'S de hip-hop na cidade de São Paulo: Uma compreensão antropológica” (GOMES, 2019).

**Palavras-chave:** Movimentos sociais urbanos; Cultura hip hop; Resistência negra.